

## IDENTIDADE E COMUNICAÇÃO

Maria João Silveirinha

O discurso do Eu é um discurso distintivamente moderno que, nos dias de hoje, parece ter assumido um peso cognitivo e moral ligado ao Eu e à auto-identidade que corresponde à própria forma como a modernidade tornou a identidade distintamente problemática. George Herbert Mead descreveu o enquadramento desta ‘nova’ identidade da seguinte forma: “uma sociedade altamente desenvolvida é uma sociedade em que os seus membros individuais se relacionam numa multiplicidade de formas diferentes, intrincadas e inter-relacionadas”<sup>1</sup>.

Mead associava também à identidade uma dimensão comunicacional fundamental. Para si, a autoconsciência era desenvolvida dentro da interacção comunicativa, na mesma rede social de actividade que forma a base da experiência. Por isso Mead teorizou o desenvolvimento da personalidade humana como possível apenas em condições sociais, pela organização social decorrente da adaptação mútua da conduta pelo *medium* da comunicação.

Mas fazer a ligação entre comunicação e identidade passa também por tentar entender o que estamos a falar quando usamos a palavra “identidade”, sobre qual o seu conteúdo e as suas fronteiras. Não são questões de fácil resposta, dado que a própria polissemia do termo ‘identidade’, acrescida de diversos

pressupostos epistemológicos que sustentam o que deve entender-se por ele, tornam-no um termo de difícil clarificação.

Apesar da dificuldade que o termo apresenta, podemos explorar algumas das suas múltiplas dimensões, mas é importante, desde o início, lembrar o paradoxo fundador que está no seu centro e que estrutura numa determinada maneira as diferentes formas pelas quais os indivíduos, grupos e instituições políticas actuam e interagem uns com os outros na esferas públicas discursiva e práticas. Com efeito, o termo ‘identidade’ contém primeiro a ideia de semelhança, de ‘idêntico a’ e, ao mesmo tempo, aquilo que é distinto e único. A identidade oscila constantemente entre a semelhança e a diferença, entre aquilo que nos torna idênticos a nós próprios e aos outros e aquilo que, ao mesmo tempo, nos torna indivíduos únicos. A identidade é construída neste duplo movimento de assimilação e diferenciação, de identificação connosco e com os outros e de distinção de nós e dos outros. Poder-se-á dizer que, em geral, se concorda que a identidade pessoal exige um processo de evolução psicológica que se conclui num sentimento de mesmidade e continuidade que a pessoa experimenta enquanto tal. Nesse sentido, a identidade corresponde a um eu dinâmico no tempo.

Esta dialéctica do mesmo e do diferente está no centro da questão identitária e comunicacional. Com efeito, o homem constrói-

<sup>1</sup> Mead, G. H., *On Social Psychology*, Chicago, University of Chicago Press, 1934, p. 268

se situando-se em relação ao mundo à sua volta. Para isso, comunica, apresenta-se e exprime a sua concepção do mundo. É precisamente esta reflexividade que permite ao sujeito colocar-se em cena no seu próprio discurso. É comunicando que é simultaneamente um homem ‘como’ os outros, idêntico aos seus pares e um indivíduo ‘único’, diferente dos outros. Assim, de forma paradoxal, a unidade e a identidade do sujeito nascem tanto do seu carácter único e original como do consenso.

A consciência de nós mesmos não é, no entanto, uma pura produção individual, mas o resultado de todas as interacções sociais do sujeito. Nesse sentido, a identidade é relacional e não simplesmente uma criação própria. A questão nuclear não é apenas ‘Quem sou?’, mas também ‘Quem sou eu em relação aos outros e quem são os outros em relação a mim?’. Há também um elemento de dinâmica processual na identidade que é essa gestão de semelhanças e de afirmação das diferenças, parte de uma representação que o sujeito elabora sobre si, sobre os grupos a que ele pertence e daqueles de que se distingue. Construindo, afirmando, gerindo diferenças, o sujeito estabelece o seu lugar no mapa das relações em que ele, individual e colectivamente, está inserido.

Naturalmente que isto necessariamente se liga aos processos comunicacionais, como dizem Mead e Goffmann. Dentro das várias redes de interacção, o olhar do outro reflecte em nós uma imagem, uma personalidade, vários modelos culturais e papéis sociais específicos que nós podemos aceitar ou rejeitar, mas que não podemos ignorar. Eu posso responder à questão ‘Quem sou?’ por um conjunto de definições ligadas aos meus papéis sociais, às minhas actividades e às si-

tuações que, pela interacção, defino com outros. Nesta interacção, estabelece-se todo um conjunto de representações, actividades, comportamentos e objectos que um indivíduo usa para ser julgado positivamente pelos outros. Nessa interacção, esperamos ser reconhecidos, sendo essa expectativa (e simultâneo compromisso) que impõe todo um domínio ético e político.

O indivíduo procede, no curso da sua vida, a uma gestão estratégica de alguns papéis ligados aos seus marcadores categóricos (idade, género), mas também de todos os papéis relacionados com as situações nas quais interage. É neste sentido que pode ser útil conceber a identidade em termos de estratégias, procedimentos implementados por um sujeito (individual ou grupo) para alcançar determinados fins. Estas estratégias devem, no entanto, ser vistas no sentido goffmaniano: são procedimentos elaborados conforme a situação da interacção e o sujeito confronta-se como tal<sup>2</sup>. Noutras palavras, a situação de interacção “chama” um elemento específico de identidade (mãe, professor; numa situação familiar, numa situação profissional respectivamente). É por isto que componentes diferentes de identidade podem ser entre si complementares em alguns aspectos, contraditórios noutros.

Essa multidimensionalidade da identidade, no entanto, não é necessariamente contraditória com uma certa estruturação. Não só os vários elementos de identidade são justapostos, como se integram num todo estruturado, mais coerente e funcional, constituído pela combinação e organização de vá-

<sup>2</sup> Cfr. Goffman, E., *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Sta. Maria da Feira, Relógio d’Água, 1993

rios elementos de identidade (género, idade, qualidades, nacionalidade, papéis sociais, valores, etc.). Estes elementos são organizados num conjunto de representações, recordações e planos para o futuro, permitindo o reconhecimento de um indivíduo ou um grupo e a sua apreensão numa teia de práticas significantes muito ligadas igualmente às auto-interpretações.

Mulheres e homens são, com efeito, seres cuja natureza e identidade não se pode especificar à margem das suas auto-interpretações, como diz Charles Taylor<sup>3</sup> e sem dúvida que a definição colectiva e individual passa pela definição de signos e textos, referências individuais e colectivas.

Os textos que aqui se apresentam dão, precisamente, conta de algumas das possíveis ligações entre a comunicação pessoal e mediaticizada e a questão das identidades tanto de um ponto de vista reflexivo, político e filosófico como através de estudos de cariz empírico tanto nos ‘novos’, como nos ‘velhos’ *media*.

Mulheres, minorias, e jovens adolescentes são os casos aqui estudados. De fora, ficam muitos outros temas da identidade que importa estudar e aos quais é importante reconhecer a sua especificidade: é preciso distinguir a diferente natureza dos diferentes conflitos que se podem produzir sob a designação de ‘conflitos de identidade’. A luta das feministas ou de grupos de opção sexual não é certamente a mesma que a dos imigrantes e das minorias, ou da luta pelo reconhecimento de movimentos étnicos diversos que podem apelar a direitos de autonomia ou ao regresso a identidades perdidas e anacróni-

cas. Da mesma forma, uma mulher pode sentir pressões identitárias simultâneas e contraditórias pelo facto de ser mulher, muçulmana, lésbica, negra, mãe e imigrante.

Mas, mesmo reconhecendo à partida que não há, certamente, uma única razão que possa dar conta de todas as manifestações identitárias, há certamente expressões e problemas comuns, nomeadamente na sua vertente comunicacional e massmediática, como pode ser atestado pelo breve conjunto de textos que aqui se apresentam.

<sup>3</sup> Cfr. Taylor, C., *Sources of the Self*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989, p. 26